



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 05/04/2024 e 11/04/2024

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
05/04/2024	11,85	333,10	48,89	5,67	4,34
08/04/2024	11,81	336,00	47,90	5,65	4,35
09/04/2024	11,74	335,60	47,52	5,57	4,31
10/04/2024	11,64	330,90	47,60	5,58	4,34
11/04/2024	11,59	335,60	46,02	5,51	4,28
Média	11,73	334,24	47,59	5,60	4,32

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Nonoai	118,00	
RS – Não Me Toque	118,00	
RS – Londrina	108,00	
PR – M.C.Rondon	108,00	
MT – C.N.Parecis	106,00	
MS – Maracaju	111,00	
GO - Rio Verde	109,00	
BA – L.E.Magalhães	107,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	58,00	CIF
Porto de Paranaguá	S/C	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Não-Me-Toque	50,00	
SC – Rio do Sul	55,00	
PR – M.C.Rondon	48,00	
PR – Londrina	48,00	
MT – C.N.Parecis	36,00	
MS – Maracaju	51,00	
SP – Itapetininga	55,00	
SP – Campinas	60,00	CIF
GO – Rio Verde	50,00	
GO – Jataí	50,00	
TRIGO (**)		
RS – Nonoai	60,00	
RS – Não Me Toque	60,00	
PR – Londrina	64,00	
PR – M.C.Rondon	64,00	

Período: 10/04/2024

SC=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 11/04/2024**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	51,87	119,06	60,41

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
11/04/2024**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	99,39
Feijão (saco 60 Kg)	280,78
Sorgo (saco 60 Kg)	44,00***
Suíno tipo carne (Kg vivo)	5,00
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,24**
Boi gordo (Kg vivo)*	7,95

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Referência Fevereiro/24, cf. Cepea/Esalq

(***) Cf. Notícias Agrícolas

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

MERCADO DA SOJA

Na expectativa do relatório de oferta e demanda do USDA, que foi anunciado nesta quinta-feira (11), as cotações da soja, para o primeiro mês cotado em Chicago, recuaram, chegando ao dia 10/04 em US\$ 11,64/bushel. Após o anúncio do relatório, o fechamento do dia 11/04 recuou mais, ficando em US\$ 11,59/bushel, contra US\$ 11,80 uma semana antes. A média de março fechou em US\$ 11,79/bushel, com 0,8% de aumento sobre a média de fevereiro. Para comparação, a média de março do ano passado foi de US\$ 14,89/bushel. Portanto, em um ano o bushel de soja perdeu US\$ 3,10, ou seja, 20,8%.

Quanto ao relatório, o mesmo indicou, para o mercado da soja no ano de 2023/24, os seguintes números:

- 1) manteve a produção dos EUA em 113,3 milhões de toneladas e aumentou os estoques finais deste país para 9,26 milhões de toneladas;
- 2) a produção mundial ficou em 396,7 milhões de toneladas, sem modificações aparentes em relação a março;
- 3) a produção brasileira foi mantida em 155 milhões de toneladas, enquanto a da Argentina continuou em 50 milhões;
- 4) as importações da China se mantiveram em 105 milhões de toneladas;
- 5) o preço médio aos produtores estadunidenses de soja foi reduzido para US\$ 12,55/bushel.

E aqui no Brasil, devido a novas desvalorizações do Real (a moeda brasileira chegou a R\$ 5,09 durante a semana), os preços da soja subiram mais um pouco. As principais praças gaúchas praticaram R\$ 118,00/saco, enquanto a média do Estado ficou em 119,06. Já nas demais regiões brasileiras a soja oscilou entre R\$ 106,00 e R\$ 111,00/saco.

Dito isso, a colheita no Brasil chegou a 79,3% da área no final da semana passada, contra a média de 83,8%. Houve muita chuva em regiões produtoras, fato que atrasou um pouco mais a colheita. (cf. Pátria AgroNegócios) No Rio Grande do Sul, a mesma atingia a 38% da área, no dia 11/04, contra 53% na média histórica para esta data. (cf. Emater)

Por outro lado, segundo os mais pessimista, novas estimativas dão conta de que a safra final de soja no Brasil será de 145,5 milhões de toneladas neste ano de 2023/24. Este número foi revisado para cima após a indicação de apenas 143,9 milhões em março. (cf. AgResource)

A Conab, em seu relatório deste dia 11/04, apontou uma safra final brasileira, neste ano, em 146,5 milhões de toneladas, com uma redução de 5,2% sobre os números indicados por ela para a safra anterior. Os estoques finais brasileiros, neste ano, ficariam em 2,48 milhões de toneladas, contra 3,3 milhões no ano anterior. Por sua vez,

as exportações brasileiras de soja alcançariam 92,3 milhões de toneladas em 2024, ficando levemente abaixo do registrado no ano anterior.

Já a comercialização da atual safra, no Mato Grosso, atingia a 55,9% no início da presente semana. Na mesma época do ano passado os produtores mato-grossenses haviam vendido 60,8% de sua safra de então, sendo que a média histórica, para esta época é de 71,5% da safra. Portanto, diante dos baixos preços e do atraso na colheita, com perdas climáticas, há uma redução no ímpeto vendedor dos agricultores do maior Estado produtor de soja do país. Enquanto isso, as vendas antecipadas, relativas à safra 2024/25, que ainda será semeada a partir de setembro, atingiam a 6,8%, contra a média histórica de 18,2% neste período, a partir de uma produção projetada para o próximo ano.

E as exportações de soja, pelo Brasil, bateram recorde no primeiro trimestre do corrente ano, atingindo a 22,1 milhões de toneladas, sendo 15,7% acima do registrado no mesmo período do ano anterior. A desvalorização momentânea do Real estimula as vendas externas neste momento. No porto de Paranaguá (PR) os indicadores de preço estiveram entre R\$ 120,54 e R\$ 124,28/saco durante a semana. Para embarque em maio, a paridade de exportação aponta preço de R\$ 131,44/saco, para junho R\$ 133,55 e para agosto R\$ 137,74/saco no mesmo porto. (cf. Cepea/Esalq)

Vale ainda destacar que a exportação brasileira de soja, nos cinco primeiros dias úteis de abril, atingiu a 3,6 milhões de toneladas, representando queda de 9% quando comparada com o mesmo período de abril do ano passado. Em tal contexto, e com a confirmação de uma safra menor do que o esperado, a Anec estima que o Brasil realmente irá exportar menos soja neste ano.

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho, em Chicago, ficaram praticamente estáveis durante a semana, na expectativa do relatório de oferta e demanda do USDA, anunciado nesta quinta-feira (11). Após o relatório, o mercado fechou, para o primeiro mês, a US\$ 4,28/bushel, contra US\$ 4,35 uma semana antes. O efeito do relatório, portanto, acabou sendo levemente baixista. Destacando que a média de março ficou em US\$ 4,29/bushel, ou seja, 1,4% acima da média de fevereiro. Sendo que a média de março do ano passado foi de US\$ 6,37/bushel. Ou seja, o bushel de milho, nos últimos 12 meses, perdeu 32,6% de seu valor em Chicago.

O referido relatório trouxe os seguinte números para a safra de milho 2023/24:

1) a produção dos EUA permaneceu em 389,7 milhões de toneladas, enquanto os estoques finais deste país foram reduzidos em quase 2 milhões de toneladas, para 53,9 milhões;

2) a produção do Brasil foi mantida em 124 milhões de toneladas e a da Argentina reduzida para 55 milhões;

3) as exportações do Brasil seriam de 52 milhões de toneladas e as da Argentina de 42 milhões;

4) o preço médio aos produtores estadunidenses de milho foi reduzido para US\$ 4,70/bushel.

Dito isso, o plantio da nova safra de milho nos EUA chegou a 3% da área esperada no dia 07/04, contra a média histórica, para esta data, de 2% de área semeada. Enquanto Illinois, o segundo maior produtor estadunidense de milho, havia plantado 2% na ocasião, o Tennessee atingia a 59% da área.

Já na Argentina, a Bolsa de Grãos de Buenos Aires revisou para baixo a safra atual de milho. Agora, a expectativa é de uma colheita ao redor de 52 milhões de toneladas, contra 54 milhões na estimativa anterior. Problemas com a cigarrinha e doenças em geral no cereal seriam os motivos deste recuo.

E na Ucrânia, outro grande produtor de milho e importante concorrente brasileiro na exportação do cereal, anuncia-se a exportação de 600.000 toneladas do cereal para a China em abril e outras 400.000 toneladas em maio. No total, para todos os destinos, a Ucrânia espera exportar 22 milhões de toneladas de milho neste ano comercial de 2023/24. (cf. Reuters)

E no mercado brasileiro, os preços do milho, após ensaiarem uma leve alta na semana passada, voltaram ao marasmo anterior. A média gaúcha fechou a semana em R\$ 51,87/saco, enquanto as praças mais importantes permaneceram com R\$ 50,00. No restante do país, os preços oscilaram entre R\$ 36,00 e R\$ 55,00/saco.

O mercado nacional continua com baixa liquidez, já que os consumidores de milho esperam preços ainda mais baixos logo adiante. Este fato pode ocorrer no curto prazo, no momento da colheita da safrinha, porém, com a redução da mesma, e em as exportações se mantendo, os preços podem reverter para cima sua tendência, mais para o final do ano.

Em tal contexto, importante se faz salientar que a produção de milho continua estimada entre 113 e 114,5 milhões de toneladas neste ano no país, segundo as diferentes fontes privadas. Ou seja, bem distante do que estima o USDA.

Neste sentido, novo relatório da Conab, divulgado neste dia 11/04, aponta que a produção total de milho, no Brasil, será ainda menor, devendo ficar em 111 milhões de toneladas neste ano. Isso representaria uma queda de 15,9% sobre o registrado no ano anterior. Com isso, os estoques finais de milho, no Brasil, neste ano, recuariam para 5,6 milhões de toneladas, ou seja, uma queda de 21% sobre o ano anterior. Assim, o país deverá importar 2,5 milhões de toneladas de milho e exportar apenas 31 milhões neste ano, o que corresponderia a um recuo de 43,3% sobre o ano anterior. Lembrando que no ano passado o Brasil exportou 55 milhões de toneladas de milho, se tornando, momentaneamente, o maior exportador mundial do cereal.

Tal realidade reforça o potencial de recuperação futura dos preços do cereal, embora os valores internacionais do produto estejam bastante baixos.

Enquanto isso, no Mato Grosso as vendas de milho, da atual safra, chegaram a 26,7% do total colhido, estando atrasadas em relação aos 59% da média histórica para esta época.

E no Paraná, onde os problemas climáticos são importantes, já há 8% das lavouras da safrinha em condições ruins, contra 2% registrados na semana anterior. Com isso, o índice de lavouras em condições boas caiu para 72% e o de condições regular chegou a 20%. Nos últimos 15 dias a safra piorou consideravelmente naquele Estado, por falta de chuvas e muito calor. Com isso, a produção final da safrinha paranaense deverá ser menor do que 14 milhões de toneladas até o momento estimado.

Pelo lado das exportações, a Secex informa que o volume embarcado de milho, pelo Brasil, na primeira semana de abril, ficou em 28.644 toneladas, com a média diária recuando 78,1% na comparação com as vendas ocorridas em abril de 2023. O preço médio da tonelada exportada ganhou 7,5%, chegando a US\$ 334,70 atualmente, contra US\$ 311,20 um ano atrás.

A Anec, inclusive, é um pouco mais otimista do que a Conab, e espera uma exportação total de milho, por parte do Brasil, neste ano, na casa das 38 milhões de toneladas. Isso se o país não quiser correr riscos em relação aos estoques finais. Exportar acima deste volume, considerando a colheita final esperada, comprometeria os estoques nacionais. Mesmo assim, analistas mais otimistas consideram que o país possa exportar mais de 40 milhões de toneladas do cereal neste ano.

O preço que o produtor brasileiro gostaria de vender seu milho se torna mais caro do que o de outros países. Fica mais caro do que o produto da Argentina, da Ucrânia e dos Estados Unidos. “Nesse cenário, em que o produtor não vendeu porque queria um preço mais alto, certamente já perdemos um pouco do programa que poderíamos ter colocado na exportação”. (cf. Germinar Consultoria)

Obviamente, em a produção se recuperando no ano seguinte, as exportações nacionais de milho também se recuperam, pois tendem a ficar mais competitivas novamente. Assim, a perda de espaço no mercado mundial do milho, neste ano, é conjuntural, devido à menor oferta.

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo, em Chicago, ficaram estáveis nesta semana, pelo menos até o anúncio do relatório de oferta e demanda do USDA, neste dia 11. Após isso, o fechamento deste dia, para o primeiro mês cotado, ficou em US\$ 5,51/bushel, contra US\$ 5,56 na semana anterior.

O relatório apontou os seguintes números para a safra de trigo 2023/24:

1) a produção total dos EUA fica mesmo em 49,3 milhões de toneladas, enquanto seus estoques finais chegam a 19 milhões, com aumento de 700.000 toneladas sobre março;

2) a produção da Argentina foi mantida em 15,9 milhões de toneladas, enquanto suas exportações sofreu leve recuo para 10 milhões;

3) a produção do Brasil foi fixada em 8,1 milhões de toneladas (já colhida) e as exportações nacionais seriam de 2,5 milhões no corrente ano comercial;

4) o preço médio aos produtores estadunidenses de trigo foi reduzido para US\$ 7,10/bushel. Mesmo assim, bem acima do preço atualmente praticado em Chicago.

Enquanto isso, até o dia 07/04, a safra de trigo de inverno, nos EUA, se apresentava com 56% da área total em boas ou excelentes condições, contra 27% no mesmo período do ano anterior. Já o trigo de primavera estava semeado em 3% da área esperada, estando dentro da média histórica.

E na Índia, país que o mercado vem acompanhando de forma mais próxima nos últimos anos, a partir do fato de que a China começa a dar sinais de ter chegado ao seu limite de importações (ao menos por enquanto), tem-se que sua produção de trigo deva chegar a 105 milhões de toneladas neste ano, ficando 6,2% abaixo do estimado pelo governo local. “A Índia, o maior consumidor e produtor de trigo do mundo, depois da China, proibiu as exportações em 2022 e está contando com colheitas abundantes para reforçar os estoques e controlar os preços locais, que subiram depois que o tempo seco reduziu as safras de 2022 e 2023. Esta menor produção de trigo levou o governo indiano a vender um recorde de 10 milhões de toneladas de trigo de suas reservas, para compradores a granel, como moinhos de farinha e fabricantes de biscoitos, provocando uma redução nos estoques essenciais do país. Os mesmos caíram para 9,7 milhões de toneladas no início de março passado, ficando nos menores níveis desde 2017. A estatal Corporação de Alimentos da Índia espera comprar 31 a 32 milhões de toneladas de trigo de agricultores domésticos neste ano, contra 26,2 milhões de toneladas em 2023. (cf. Reuters)

E no Brasil, os preços do cereal continuam estáveis, girando ao redor de R\$ 60,00/saco no Rio Grande do Sul e R\$ 64,00 no Paraná. Houve um leve movimento de alta no início de abril, para o trigo de qualidade superior, porém, o mesmo não mostrou, ainda, consistência. A desvalorização recente do Real deixa o trigo importado mais caro, fato que ajuda a sustentar os preços do cereal nacional. Neste sentido, dependendo do que o país terá no próximo plantio, a partir de setembro no Paraná, existe potencial para uma alta nos preços do trigo até o final do ano, porém, sendo difícil de medir sua intensidade. Para o Rio Grande do Sul, se avança, por enquanto, valores que podem ir até R\$ 65,00/saco.

O que preocupa agora, além da falta de produto de qualidade e dos baixos preços, é a forte quebra na produção de sementes na colheita passada. O Rio Grande do Sul teria perdido 50% desta produção, enquanto o Paraná perdeu 20%. Isto deverá aumentar novamente o custo de produção das futuras lavouras. Segundo produtores gaúchos, “de 100 toneladas de trigo que se levava para a UBS (Unidade de Beneficiamento de Sementes), se tirava 80 toneladas de sementes. Agora, foram apenas 50 toneladas. E não têm a qualidade ideal.” Já a Associação dos Produtores e Comerciantes de Sementes e Mudanças do Rio Grande do Sul (Apassul) informa que, para a safra 2024, estarão disponíveis 138.000 toneladas de sementes certificadas de trigo, volume suficiente para abastecer uma área de cultivo próxima a 1 milhão de hectares.

Enquanto isso, a estimativa da Associação Paranaense dos Produtores de Sementes e Mudanças (Apasem), é de que deixarão de entrar no mercado cerca de 30.000 toneladas de sementes de trigo por falta de qualidade, e o volume existente será suficiente para o plantio de 1,1 milhão de hectares no Paraná. A Apasem estima que a taxa de uso de semente certificada nesta safra será de 78%, a maior da sua história, indicando que o uso de semente “salva” (aquela guardada pelo produtor de trigo para uso exclusivo em sua lavoura) não será significativo pelo risco de investir em semente de baixa qualidade. No ano passado, a taxa de uso de sementes certificadas foi de 58% no Rio Grande do Sul. Neste contexto, a grande questão será o preço da semente de trigo. Segundo a Embrapa Trigo, a partir de consulta a algumas cooperativas gaúchas, “o preço do saco de sementes de trigo de 40 quilos está variando de R\$ 130,00 a R\$ 150,00, contra os R\$ 120,00 praticados na safra passada, quando houve muita oferta. (cf. Globo Rural)

Em tal contexto, o cenário nacional para a futura safra de trigo deve ser de muita cautela por parte dos produtores. Será necessário muito cálculo e gestão econômica, junto às propriedades, na hora da tomada de decisão de plantar e quanto plantar nesta nova safra de inverno. Pois além de toda a questão econômica e de preços, ainda há a imprevisibilidade climática.